

PREFÁCIO

“Somos palavra densificada, uma palavra ausente, não dita, que está para além dos sentimentos que fazem dois seres se enlaçarem.”

Françoise Dolto

Com a palavra, o bebê!

Faz-se certo silêncio, mas o escutamos atentamente.

São gestos, grito, sinais, olhar, sons, sintomas, choros. Se lhe é dada a palavra, ele pode nos dizer.

A primeira linguagem, a primeira comunicação, é uma linguagem do corpo. O bebê tem quase uma gramática nessa língua. “Um ser humano é um ser de palavra, desde a origem, porque ele próprio é palavra”, enfatiza Françoise Dolto.

Lacan, quando trabalha a condição da palavra além do discurso, afirma que é pelo seu corpo mesmo que o sujeito emite uma palavra, e assim, palavra de verdade. O sujeito diz sempre mais do que quer dizer, sempre mais do que sabe dizer.

Com as palavras, o bebê!

Para além do sentido e código das palavras, a comunicação percorre a riqueza das modulações e das sonoridades. Como na música, essa prosa revela melodia, ritmo e harmonia, e em suas ressonâncias, a vida simbólica se organiza, desde antes do nascimento da criança.

O prazer dos sons, a pulsação da voz, o passeio com as palavras por lugares conhecidos e desconhecidos, a nomeação, tudo isso revela posições de diversidade onde cabe até o silêncio, com seu vazio fundante.

O ser humano assume uma perda ao estar sujeito ao plano simbólico, em sua condição de ser falante, e não um ser de instintos. O desamparo gerado no processo civilizatório coloca o poder das palavras em destaque, pois a linguagem passa a representar essa consequente perda/ganho. A linguagem, a presença de um Outro – quer seja o semelhante ou o campo simbólico – é indispensável para viver, e, ao mesmo tempo, sempre se perde algo com a palavra.

10 No encontro indispensável com um outro não se trata somente de uma disponibilidade para tal, há de se penetrar o campo vitalizante do desejo inconsciente, movimento psíquico que visa obter uma satisfação interdita, pois está indissociavelmente ligado à falta ou ao objeto perdido. O dito “a palavra me falta” expressa a dimensão de falta, de furo, que a determina.

Enunciamos com Freud: “não paramos de falar porque não podemos dizer tudo”.

O ato de dar palavras ao bebê, seja no cotidiano pelos que estão em seu entorno, seja nos tratamentos necessários, seja em estudos e pesquisas, descortina a descoberta fundamental – a função da palavra – nas origens do sujeito que ali se constitui.

O bebê e as palavras – uma visão transdisciplinar sobre o bebê é um livro que proporciona ao leitor a possibilidade de percorrer diferentes palavras sobre o bebê, nos escritos de diversos campos do saber, com reflexões atuais sobre esta trama que tece o tema.

Tendo a psicanálise como mola propulsora que promove a rotação dos diversos saberes, **O bebê e as palavras** traz, assim, para debate, contribuições e experiências de diversos autores em seus trabalhos com bebês, e fundamenta, portanto, possibilidades de avanços ao sinalizar pontos importantes de acesso às palavras dos bebês, com os bebês e sobre os bebês.

As divisões organizadas em subtemas são trilhas facilitadoras para a leitura e consulta dos artigos que “palavreiam” este livro, publicação de valor indiscutível e inestimável para todos os interessados na área.

A primeira parte – Clínica e Pesquisa – contém artigos inéditos de conferencistas que participaram em Paris, julho de 2011, do II Seminário Internacional Transdisciplinar sobre o bebê – organizado pelo Instituto Langage. São textos preciosos, de autores que há tempos se debruçam nos estudos e nas pesquisas sobre os bebês, e que nos estimulam a considerar, cada vez mais, mesmo com todos os desafios, a relevância do trabalho nessa área. O leitor poderá percorrer elaborações importantes sobre os sinais e as identificações precoces; sobre a surpreendente imitação neonatal; os impasses num berçário ou num serviço de neonatologia e as decorrentes consequências no psiquismo de um bebê; as intervenções possíveis frente a situações de risco de patologia; e ainda, quando o bebê é excluído da fala. Uma questão profícua para a clínica, também, é levantada ao apresentar o tratamento psicanalítico de crianças com irmãos autistas, e com risco de semelhante evolução.

11

Na segunda parte, seguem textos inéditos, agrupados nos subtítulos: Laços com o entorno, O bebê e a linguagem, Intervenções, A questão alimentar e, ainda, o Autismo. Esses trabalhos também trazem experiências de grande importância pela sintonia com o objetivo desta obra, que é abrir portas para uma transmissão transdisciplinar sobre o trabalho e a função do profissional que está diante de um bebê.

Com especial reconhecimento, temos que cumprimentar e agradecer, efusivamente, a direção do Instituto Langage, editora deste livro, por realizar esse objetivo, possibilitando-nos acesso aos mais recentes avanços nessa área que compartilhamos interesse.

Estar diante de um bebê. Não é tarefa fácil deparar-se com o estranho/familiar que tal encontro provoca. O Real aqui se apresenta contundente, articulando a nomenclatura – dar nome ao que não o tem – que surge da dificuldade de lidar com o inominável,

com o sem palavras, presente nesse campo de trabalho. Em Scilicet, 1976, Lacan diz que é assim que uma criança nos leva não à origem, mas ao Real!

Especialmente nos casos em que se apresentam transtornos, casos de autismo ou de psicose, eles nos indicam "palavras e silêncios" que precisamos escutar, quando assumimos o compromisso de realizar intervenções éticas.

Pé ante pé, passo a passo, estamos caminhando na direção de muitas novas descobertas.

Com a palavra, o bebê!

Rosely Gazire Melgaço